

# HERÓIS NA SALA DE AULA

Dra. Maria Clara Ramos Nery<sup>1</sup>  
Rodrigo Amarante<sup>2</sup>

## RESUMO

Uma das grandes dificuldades encontradas hoje nos profissionais que iniciam na jornada pedagógica é o desenvolvimento de práticas pedagógicas que não fiquem estagnadas apenas no ensinar, mas que sobressaltem esse aspecto e, mais do que transmitir, levem seus alunos a viajar. O PIBID pode servir de alicerce para uma prática totalmente diferenciada, levando o aluno a uma nova experiência, dinâmica e de aprendizado. Aliar o conteúdo diário trabalhado pela professora regente à projetos a serem desenvolvidos com as crianças, bem como não ater-se a vários 'planinhos' de aula, mas criar um projeto que mostre o diferencial e potencial do programa, não tornando este apenas uma iniciação a docência, mas toda uma experiência bolsista/aluno onde ambos só tem a ganhar pela transformação dos espaços de formação em uma aprendizagem colaborativa e solidária. O presente trabalho tem então como objetivo incentivar a diferenciação da prática pedagógica usando de materiais concretos visuais no dia-a-dia da ludicidade infantil, para fazer com que todo o decorrer da experiência seja uma viagem de busca do conhecimento. O intuito do trabalho é, mais do que mostrar uma experiência vivida por seu autor na prática, incentivar os demais bolsistas pibidianos a proporem

novas práticas.

**Palavras-chave:** PIBID, Prática Pedagógica, Metodologia, Transformação

“ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la [...] criar uma alternativa pedagógica que favoreça o aparecimento de novos tipos de pessoas, solidárias, preocupadas em superar o individualismo [...], preocupadas com um novo projeto social e político que construa uma sociedade mais justa, mais igualitária.”.(Moacyr Gadotti)

A vivência no espaço da sala de aula consiste num manancial esplêndido de questões fundamentais geradoras de observações, interpretações e análises fomentadoras de pesquisas. O lidar dia a dia com os alunos, principalmente com os alunos dos anos iniciais, permite questionamentos que levam a profundas reflexões. O objetivo do presente artigo, produzido a quatro mãos, busca a reflexão, advinda das observações e conclusões das experiências do aluno pibidiano em sua prática, orientado por sua coordenadora de área.

O PIBID, como um programa patrocinado pela CAPES, é numa rara oportunidade para a aquisição antecipada de vivências, anteriores aos estágios do curso de Pedagogia-Licenciatura, ao qual está vinculada

---

1- Professora adjunta com doutorado da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul-UERGS, do curso de Pedagogia-Licenciatura, da Unidade da UERGS do Município de Cruz Alta/RS, Coordenadora de Área do PIBID/CAPES; 2-Aluno do Curso de Pedagogia-Licenciatura, bolsista do PIBID/CAPES, da Universidade do Estado do Rio Grande do Sul-UERGS- Unidade de Cruz Alta/Rs, ambos autores do presente artigo.

a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul-UERGS, em sua Unidade de Cruz Alta/RS, que preparam os alunos e os levam ao contato imediato com a prática educativa e todos os seus desafios, principalmente concernentes aos anos iniciais.

É através deste processo que os alunos podem em sua prática de observação, interpretação e análise da sala de aula levantar questões que se tornam fundamentais para pesquisa em educação. No caso do presente artigo, pela experiência do aluno bolsista do PIBID, participante deste, em seu trabalho de observação, constatou que há a possibilidade de trabalharem-se conteúdos curriculares através dos heróis infantis contemporâneos na sala de aula, pelo processo/atividade de contação de histórias. Esta observação ensina a possibilidade de construir-se inúmeros enfoques de possíveis pesquisas que podem levar a avanços na prática educativa.

Na contemporaneidade há aspectos significativos a serem considerados por todos aqueles vinculados à educação. Observe-se o fato de que na modernidade, o aprendizado se constituía num contexto de linearidades. Neste momento da história humana, com os avanços tecnológicos e com a presença marcante das relações sociais redes digitais, as quais as crianças encontram-se vinculadas em seu cotidiano, o aprendizado não se constitui mais com a característica da linearidade, mas pela pluralidade e pela rapidez da informação e das informações a que as crianças têm acesso. Evidentemente que os antigos heróis têm de ser outros ou reconfigurados os “antigos”, enquanto componentes da ludicidade infantil.

Os heróis infantis da geração contemporânea em formação são ativos, tecnologicizados, incrivelmente ágeis, lidam com as tecnologias mais avançadas, com seus carros supersônicos, etc.. Pode-se questionar: como as crianças na contemporaneidade, vão trabalhar as histórias infantis, os contos, de forma linear? Segundo Bauman (2014), a modernidade líquida se pau-

ta pela rapidez, pela imediaticidade, das novas tecnologias digitais, constituindo-se numa lógica de relações-rede produtoras de intensa flexibilidade, flexibilidade esta que os heróis infantis contemporâneos manifestam em suas práticas, demonstrando uma alta capacidade de reconfiguração do ambiente. Este aspecto demonstra então, uma nova e intensa construção de novas categorias de pensamento, que não nos permitem mais trabalhar com as crianças com as histórias tradicionais da modernidade. Os tempos são outros e os heróis consequentemente devem ser outros, e o são.

Vigotski (2008) em sua obra “A Construção Social da Mente”, demonstra de forma clara a influência do contexto social na constituição mental dos indivíduos, priorizando a criança. Portanto, o contexto social contemporâneo, sendo outro, envolve que o processo de aprendizagem das crianças deva ser outro, porque o ser humano não está isento das determinações de seu contexto social. Este fato reflete sobremaneira no contexto da aprendizagem dos anos iniciais e neste sentido os elementos lúdicos necessários à formação infantil devem ser modificados, pois caso contrário, estarão em descompasso com as necessidades destes novos sujeitos contemporâneos.

Há a remodelação de um universo de sentidos, que as histórias infantis trazidas para dentro da sala de aula podem contribuir sobremaneira. A presença reconfigurada pela tecnologia dos heróis contemporâneos – Capitão América, Hulk, Homem de Ferro e outros, que estão na capa de seus cadernos, que se constituem em seus ídolos demonstram um universo de mutabilidades e a constante presença do novo, estabelecendo múltiplas mensagens e formas de expressão a serem interligadas, que sendo consideradas podem levar a uma maior eficiência de aprendizagem e apreensão dos conteúdos programáticos dentro da sala de aula, através da contação de histórias. Os novos heróis e ídolos manifestam as novas sociabilidades que estão se constituindo no mundo contem-

porâneo e que influem de forma drástica no espaço educacional.

A heterogeneidade da realidade presente estabelece a existência do variado, do múltiplo, que constituem múltiplas mensagens e formas de expressão manifestando múltiplos conteúdos de sentido, com as quais as crianças estão em contato em sua realidade cotidiana. Este nosso sujeito, esta nova infância, trás para dentro da sala de aula esta vivência cotidiana, para as quais os professores não podem manifestar desconhecimento, pois se assim for, a interlocução encontra-se plena de obstáculos e o espaço da sala de aula, estará na contramão do novo sujeito contemporâneo e, sendo assim o avanço, o desenvolvimento, a aprendizagem que leva ao conhecimento encontrará obstáculos quase intransponíveis, pois a educação é a interação entre o eu e o outro significativo. Este é um elemento novo e instigante para a compreensão dos desafios que estão instaurados para os professores dos anos iniciais e também para os alunos pibidianos em sua prática educacional.

O homem é linguagem, já nos dizem Freud, Lakan e no campo pedagógico Vigotski. É pela linguagem que apreendemos os conteúdos de sentido e significado do mundo humano, que por nós serão internalizados e sendo internalizados transformam-se em agir social. A escola, como instituição social, já nos dizia Durkheim acerca da socialização é o espaço de apreensão do social de caráter formal e nossa subjetividade desde a infância é constituída também por este espaço formal de socialização. São muito significativas, compreendemos nós, as palavras de Esperândio, quando analisa a subjetividade no contexto da modernidade. Compreendemos que vale o mesmo para a contemporaneidade. São as seguintes as palavras da autora:

“[...] a subjetividade não se trata de algo dado ou pré-determinado, como se tivesse uma essência humana universal. A subjetividade, não é algo puramente individual ou genética. É uma construção que se dá a partir do social, mas não é simplesmente um produto deste. Ela se

constitui na complexidade das relações de força e a partir de uma multiplicidade de processos em que o sujeito está imerso, sendo esse, ao mesmo tempo, produto e produtor da sociedade. A subjetividade é, portanto, modelada na imbricação de várias instâncias, tais como a família, a escola, trabalho, religião, meios de comunicação, etc., as quais atravessam o indivíduo e este vai significando-as de modo singular. Podemos acrescentar ainda que cada formação sócio-histórica tem algumas formas singulares de “produção de subjetividades” como por exemplo a fabricação do indivíduo da modernidade, a produção de um indivíduo disciplinado no estabelecimento do capitalismo e agora do neoliberalismo, a produção de uma subjetividade flexível. (ESPERÂNDIO, 2007, p: 12).”

O que Esperândio nos permite compreender constitui-se enquanto essencial para o entendimento deste novo sujeito-aluno, quer nos anos iniciais, quer nos demais anos do processo de aprendizagem. Há um novo perfil na contemporaneidade, que deve ser inclusive pesquisado para produzir-se adequados projetos de ensino-aprendizagem e não somente planos de aula, com conteúdos ausentes de significação para os alunos, porque seu universo de conteúdos de sentido é justamente outro. Qual a forma de desvendar os pontos de interesse dos alunos e agregá-los aos conteúdos curriculares? Esta nos parece uma questão de fundo para o trabalho com os anos iniciais. A utilização de seus heróis tecnologizados, reconfigurados pelas relações redes digitais, não seria mais propício aos processos de ensino-aprendizagem? Fazemos enquanto educadores este questionamento quando vamos para dentro dos espaços das salas de aula nos anos iniciais, enfoque do presente artigo/ensaio?

Os autores curriculares pós-críticos, consideram o fato de que o currículo deva ser uma revelação original para mundos não conhecidos, através do estudo de experiências subjetivas. Esta é outra questão instigante, diretamente relacionada com os currículos escolares, pois envolve a análise da cultura como campo de estudos,

nas práticas curriculares para estabelecer as relações e possibilitar a construção de significados e conteúdos de sentidos que a linguagem exige. Ora, isto envolve diretamente o processo de ensino-aprendizagem. Pensemos neste aspecto em termos da nossa contemporaneidade, com este novo sujeito-aluno dos anos iniciais. Pois, possuímos hoje formas diferenciadas de lidar com a relação espaço - tempo, proximidade – distância, territorialidade - desterritorialização, pertencimento-não pertencimento, geradores de uma subjetividade flexível, que se manifestam nas “subjetividades” dos heróis infantis contemporâneos. Estes mesmos heróis possuem novas formas de sociabilidades, pois refletem as necessidades dos sujeitos reais e é justamente por isso que possuem atração.

Estamos constantemente sob o império do novo. Há a presença de originais formas de expressão da linguagem, de modos de dizer, de lugares de dizer, de conteúdos de sentido, que uma vez compartilhados, estabelecem traços característicos típicos do sujeito-aluno contemporâneo dos anos iniciais e no campo educacional, envolvendo também o sujeito-professor dos anos iniciais. É neste sentido, que a incorporação dos heróis na sala de aula constitui-se como significativa, inclusive como ponto de atração do sujeito-aluno, pois demonstra que o universo escola encontra-se vinculado ao seu mundo vivido. Evidente que a conquista desta nova concepção é um processo e, sendo assim, não se fará de uma hora para a outra, diante do peso do tradicional no universo escolar, enquanto um ambiente marcadamente disciplinar.

Esta defasagem existente é para nós, um elemento significativo contribuinte para a invisibilidade do sujeito-professor por parte do sujeito-aluno que se manifesta no questionamento de sua autoridade, de variadas formas expressa, pois não havendo interlocução pelo fato dos muros da escola não incorporarem o mundo externo do aluno, com seus heróis e ídolos na con-

tação de histórias há o império, repetimos, do descompasso entre o que a escola como instituição quer em seu processo de ensino-aprendizagem e o que vive o aluno em sua realidade cotidiana. Como então a realização de uma relação marcadamente dialógica entre sujeito-professor e sujeito-aluno? Questionemo-nos sobre este fato presente em nossa realidade educacional brasileira, pois, talvez ainda não estejamos preparados para contextualizar a diversidade que a realidade contemporânea da modernidade líquida está a exigir-nos em nossa prática educativa com os anos iniciais.

Karl Mannheim (1987), em sua concepção sociológica, compreende que os modos de pensamento não são adequadamente compreendidos enquanto permanecerem obscuros às suas origens históricas e sociais. Na contemporaneidade pela presença da heterogeneidade, da mutabilidade, da rede como espaço, onde as mensagens circulam livremente os modos de pensamento originam novos conhecimentos e novos conteúdos de sentido que se desenvolvem. Este fato por consequência impulsiona diversas interpretações do mundo, que são internalizadas pelo sujeito-aluno contemporâneo, pela interdependência de sentidos, de significados, necessitando, portanto, o espaço educativo ou de melhor forma dizendo, impulsionando o espaço educativo a uma mudança, a transformações para manter-se cumprindo seu papel social. É necessário entrar em contato com o universo de signos que os heróis infantis contemporâneos expressam, pois os valores sociais, do processo de socialização podem ser dialogicamente trabalhados, através dos conteúdos de sentidos manifestos pelos ídolos das crianças hoje, como também questioná-los no que for necessário questionar.

Há então que compreender-se a relação de interdependência existente entre estrutura social e estrutura mental. No caso dos anos iniciais estrutura mental em formação e, daí a nossa responsabilidade como educadores e pesquisadores da

educação. É necessário salientar que na contemporaneidade há uma nova estrutura de ordem vivida, de caráter objetivo, que convive com as estruturas de ordem concebidas, atinente ao universo das representações sociais. Este fato pode muito bem ser trabalhado pela contação de estórias com enfoque nos heróis infantis contemporâneos, que são reconfigurados, mas que estabelecem um novo universo de representações sociais, que originam por consequência direta novos repertórios de ações individuais e coletivas. A escola como espaço institucional da sociedade, com a função de socialização formal não pode encontrar-se alheia a estes pressupostos da realidade, sob pena de tornar-se um mero espaço de produção de ressentimentos pelas constantes quebras de uma relação dialógica eficaz e profícua.

Pensar a escola hoje, principalmente a escola dos anos iniciais, é desenvolver múltiplos olhares, mas não simples olhares, olhares de águia, que permitem agarrar a presa da realidade com profundidade e sensibilidade para o novo sujeito-aluno com o qual estamos em nosso cotidiano lidando. É necessária a reconstrução da experiência vivida diante da crescente convergência de tecnologias, presente em diversas áreas do saber, que interligadas transformam-se em categorias para as quais nós educadores possamos e devemos pensar, através de nossa experiência cotidiana em sala de aula com os alunos dos anos iniciais. Este ou estes são desafios de caráter ético, cultural e social que estamos a enfrentar em nosso dia a dia, com a prática que envolve indivíduos nos primeiros ciclos de vida, os anos iniciais de estudos, inserindo-os como sujeitos históricos no seu mundo social e em situações histórico-sociais específicas, o qual é o nosso universo contemporâneo, pois não construímos enquanto indivíduos, enquanto seres humanos nossa visão de homem e de mundo fora de nossas elaborações e internalizações do contexto histórico, social e cultural no qual vivemos. Esta é uma particularidade do humano, que determina

uma multiplicidade de condições de possibilidade para nosso desenvolvimento como seres. E, nossa intenção com o presente artigo, foi refletir sobre alguns aspectos que a prática educativa com os anos iniciais pode promover através dos “Heróis na sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se encerram no contexto do presente artigo, escrito a quatro mãos as questões que a realidade vivida impõe. E nem podem se encerrar, por que a realidade é simplesmente infinita e “não fala de si mesma”, ela simplesmente é e precisa ser observada, investigada e analisada, para que nossa presença como sujeitos-professores se justifique e adquira significado na vida do outro que é o nosso sujeito-aluno. Os navegadores portugueses tinham uma máxima: “Navegar é preciso. Viver não é preciso”. Não “se compreenda o ‘preciso’ com o significado de necessidade, mas o preciso enquanto exatidão. E nós professores, educadores, navegamos nos mesmos mares, sem bússolas ou mapas que podem significar receitas, e podemos parafrasear aos navegantes portugueses: Navegar é preciso. Ensinar não é preciso. Envolve múltiplos questionamentos, múltiplos olhares, pois nossas vidas são constituídas de múltiplos sons, gestos, conteúdos de sentido e lugares de dizer, cotidianamente, paulatinamente no contexto da vivência em sala de aula. Não há receitas, há a realidade do vivido, do ato de viver, do estar no mundo.

SEM COMENTÁRIOS!!!!!!



Eduque seus filhos para que eles valorizem  
o que realmente tem valor

A COMPREENSÃO FUNDAMENTAL  
DESTA FOTO TALVEZ SEJA OUTRA  
DO QUE A CONSTANTE ACIMA, MAS  
SIMPLEMENTE A CONSTATAÇÃO DE  
QUE - CONTEXTOS DIFERENTES –  
GERA SERES DIFERENTES.

ção. Curitiba. Editora Ibpex: 2008.

VIGOTSKI, Z. **A Construção Social da  
Mente**. São Paulo. Ed. Martins Fontes:  
2008.

#### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Sobre a educação e ju-  
ventude**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Edi-  
tores, 2013.

ESPERÂNDIO, M. **O que é pós-moder-  
nidade?** Rio de Janeiro. Ed. Vozes: 2009.

MANNHEIM, K. **Ideologia e Utopia**. São  
Paulo. Ed. Vozes: 1987.

NERY, M.C.R. **Sociologia da Educa-**